A DOR DOS SEM-TRABALHO

Andrhea Depieri
Da equipe do **Correio**

Apesar dos cursos técnicos nas áreas de informática, recursos humanos e programação neurolingüística e dos dois cursos superiores completos de Ciências Sociais e de Administração Escolar, Márcia Campos, 36 anos, está desempregada há três meses.

"Eu trabalhava como auxiliar de informática e recebia apenas R$ 480,00 por mês. Achei que não estava sendo valorizada o suficiente e que o salário era muito pequeno. Resolvi pedir demissão, pensando que encontraria outro emprego com facilidade. Enganei-me e preciso voltar a trabalhar com muita urgência", conta ela.

Márcia é uma das 151,3 mil pessoas que estão desempregadas no Distrito Federal. Não é pouco. O número representa 18,1% da população economicamente ativa (PEA), índice recorde no DF e superior ao de todas as demais cidades onde é feita a pesquisa. O índice é maior até mesmo do que o da Argentina, que, com 17%, tem uma das mais altas taxas de desemprego da América Latina.

Os setores que mais demitiram foram construção civil e comércio. Em seguida, segundo o delegado regional do Trabalho, José Maria, vêm os serviços de limpeza e vigilância.

"O nível de desemprego não se deve às demissões, mas sim ao crescimento desordenado da PEA. Ela cresceu em cinco meses (de janeiro a junho) o equivalente ao que deveria ter crescido em dois anos. Passou de 798,8 mil pessoas para 834,9 mil", diz o secretário-adjunto do Trabalho do DF, Ivan Guimarães.

Segundo ele, o aumento da PEA é um fenômeno inédito. "Não dá para explicar. A única hipótese existente é o aumento da taxa de participação das mulheres no mercado de trabalho".

Apesar das justificativas do secretário, desde o Plano Real, o desemprego já bateu à porta de mais de 40 mil pais ou mães de famílias do DF. Pelas previsões do presidente da Federação do Comércio, Sérgio Koffes, até o fim do ano mais de 200 mil pessoas estarão desempregadas no Distrito Federal.

JUVENTUDE DESEMPREGADA

Sheila Ribeiro, 20 anos, trabalhou um ano e meio na Companhia Internacional de Tecnologia e há três meses está desempregada. "Tenho curso de operação de micro e segundo grau completo. Meus chefes sempre gostaram do meu trabalho. Mas com a redução de quadro de pessoal, fui demitida", explica.

Apesar de ter um salário de R$ 217,00, Sheila chegava a receber R$ 400. "Eu fazia hora extra, porque era supervisora dos digitadores e eles precisavam de mim o tempo todo", diz.

Sheila mora em Sobradinho, com os pais, em uma casa de oito cômodos. Sua família tem uma renda média de R$ 2 mil. "Eu só usava meu dinheiro para gastos pessoais, como passear e viajar. Meus pais me sustentam e eu não preciso me preocupar com isso", completa.

Mas o paranaense Manoel Antônio Souza, 30 anos, solteiro, é o típico desempregado brasiliense. Ele foi criado em Salvador e chegou a Brasília em 1986. Não conhecia ninguém e começou a trabalhar em serviços de limpeza. Foi vigia e peão de obra. Há dois anos está desempregado.

"Estou sem pagar o aluguel do meu barraco, pego carona em ônibus e muitos dias fico sem comer nada". Manoel sabe ler e escrever e fez um curso de pedreiro no Sine de Samambaia. Seu sonho é conseguir um emprego de jardineiro, copeiro ou vigia.

Cremilda de Santana tem cinco filhos para sustentar e também está desempregada. Ela mora em uma casa de um cômodo, no Jardim Oriente. Ela foi demitida de seu último emprego, onde trabalhava como doméstica, porque seu filho ficou doente e ela precisou levá-lo ao médico. "Minha patroa não entendeu e me mandou embora", conta.

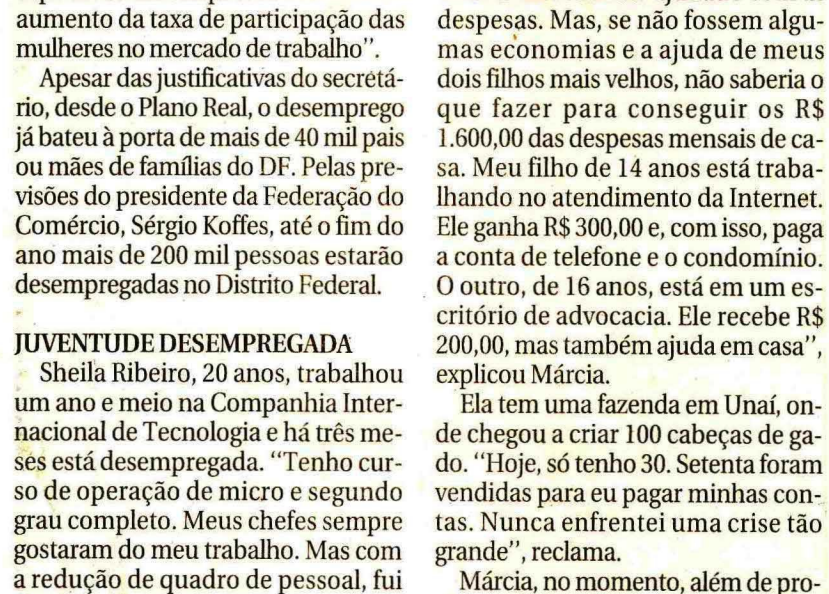
Agora, ela sonha um pouco mais alto. "Gostaria de conseguir um emprego de cobradora de ônibus ou de acompanhante de velhinhas doentes. Já trabalhei com mulheres mais velhas e elas me adoravam. Dou os remédios na hora certa e sou muito carinhosa", justifica.

Márcia, por exemplo, sempre trabalhou na área social: foi presidente da Associação José Albino de Assistência ao Menor de Unaí (MG), foi diretora do Departamento de Educação e fundou a Apae (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) daquela cidade. "Não estou desempregada por falta de qualificação", afirma.

Ela mora em um apartamento de cinco cômodos, na 403 Sul, com seus quatro filhos. Ela nasceu em Unaí e veio para Brasília em 1975, onde se casou. "Meu marido tem um problema de saúde e está internado. Minhas irmãs têm me ajudado com as despesas. Mas, se não fossem algumas economias e a ajuda de meus dois filhos mais velhos, não saberia o que fazer para conseguir os R$ 1.600,00 das despesas mensais de casa. Meu filho de 14 anos está trabalhando no atendimento da Internet. Ele ganha R$ 300,00 e, com isso, paga a conta de telefone e o condomínio. O outro, de 16 anos, está em um escritório de advocacia. Ele recebe R$ 200,00, mas também ajuda em casa", explicou Márcia.

Ela tem uma fazenda em Unaí, onde chegou a criar 100 cabeças de gado. "Hoje, só tenho 30. Setenta foram vendidas para eu pagar minhas contas. Nunca enfrentei uma crise tão grande", reclama.

Márcia, no momento, além de procurar emprego, estuda para fazer concursos. "Gostaria de arrumar alguma coisa para fazer na área da Educação. Meus gastos mensais são da ordem de R$ 1.600,00, mas já estaria satisfeita com R$ 1200,00".



Sheila Ribeiro chegou a ser supervisora, mesmo assim perdeu o emprego

Fotos: Wanderley Pozzembom

Márcia Campos, desempregada, tem vários diplomas e especializações. Sua despesa mensal é de R$ 1.600, mas aceita trabalho para ganhar, pelo menos, R$ 1.200

Juros altos, o "vilão"

Os setores mais atingidos com o desemprego foram a construção civil, o comércio e as áreas de serviço de segurança e limpeza. O primeiro, por exemplo, de julho de 95 a julho deste ano, demitiu mais de 21 mil trabalhadores. Só este mês foram 1.200 desempregados no setor. O presidente do Sinduscon (Sindicato da Construção Civil, que representa as empresas do setor), Adalberto Cleber Valadão, disse que os motivos que provocaram o desemprego no setor são basicamente dois: juros altos com inexistência de uma política voltada para o financiamento de obras de habitação e a redução dos investimentos dos governos federal e local.

O comércio, segundo setor que mais perdeu trabalhadores no DF, demitiu 12 mil pessoas desde julho de 1995. Só neste mês, 1.200 comerciários foram postos na rua. De acordo com o presidente do Sindivarejista, Lázaro Marques Neto, as demissões foram provocadas por motivos como a queda de 26% nas vendas do último ano; as altas taxas tributárias, que aumentaram o custo dos comerciantes e o reajuste de 25% no preço do fornecedor, do qual, apenas 8% foi repassado ao consumidor.

De acordo com o Sindicato dos Empregados de Segurança e Vigilância do DF, nos últimos 12 meses, 2.285 vigilantes foram demitidos, sendo 200 apenas no mês passado.

Segundo o Sindicato dos Empregados das Empresas de Asseio e Conservação de Brasília (Sindilimpeza), nos 12 últimos meses, 15 mil empregados perderam seus empregos. Apenas em julho, mil demissões já foram confirmadas.

No caso dos empregados do setor de processamento de dados, a alavanca para o desemprego foi a modernização da tecnologia. Segundo o diretor administrativo do sindicato, Tomás Hideo, no último ano, 1.100 profissionais foram demitidos no setor.

■ **Leia mais sobre crise e desemprego nas páginas 5 e 6**